



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**JUSSARA VIEIRA SOARES**

**O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO EM CONTEXTOS NÃO  
ESCOLARES**

**NATAL - RN**

**2017**

**JUSSARA VIEIRA SOARES**

**O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO EM CONTEXTOS NÃO  
ESCOLARES**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como pré-requisito para a obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Marisa Narcizo Sampaio

**NATAL - RN**

**2017**

JUSSARA VIEIRA SOARES

## **O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO EM CONTEXTOS NÃO ESCOLARES**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marisa Narcizo Sampaio.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marisa Narcizo de Sampaio – Orientadora  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

Prof. Dr. Alexandre da Silva Aguiar  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gilberto Ferreira Costa  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por mais esse feito. Sem a fé que me sustenta, seria impossível tocar-lhes pelas palavras a quem lê esta obra a que me debrucei.

Em segundo, dedico esta, bem como todas às minhas conquistas, aos meus amados pais José Humberto e Maria Francinete, minhas irmãs Juciléia Vieira, e Juliana Vieira, obrigada pelo incentivo e paciência. Sem a generosidade, doação e amor, as conquistas seriam incompletas

À professora Marisa Narcizo, pela persistência na orientação e estímulo que tornaram possível a conclusão desta monografia, e a constituição do meu novo eu (profissional e pessoal).

Ao finalizar um ciclo, ao escrever as últimas palavras que encerram um momento e me direcionam a outros, reflito sobre partículas de uma poesia de Christian Gurtner sobre quem sou eu e quem me torno a cada novo aprender:

*Mas quem sou eu além daquele que aqui está?  
Sou vários, menos este.  
O que aqui estava, jamais está  
E jamais estará  
Sou eu o que fui e cada vez mais o que quero ser  
Mudo, caio, ergo, sumo, apareço, bato, apanho, odeio, amo...  
Mas no momento seguinte será diferente  
Posso estar no caminho da perfeição  
Cheio de imperfeições  
Sou o que você vê...  
Ou o que quero mostrar.  
Mas se olhar por mais de um segundo,  
Verá vários “eus”,  
Eu o que fui, eu o que sou e eu o que serei.*

*Você pode, numa emergência, comer abóboras durante uma ou duas semanas e ser feliz; se, por obrigação ou por comodismo, fizer isto por alguns anos, será um frustrado.*

*Danilo Gandin*

## RESUMO

O campo de atuação do pedagogo atualmente, têm ultrapassado os muros da escola e consequentemente têm formado um novo perfil profissional, especialmente no sentido do planejamento de suas ações pedagógicas. O presente estudo parte da seguinte questão de pesquisa: *Como os pedagogos(as) que atuam em contexto não escolar planejam?* Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa, de natureza bibliográfica e empírica, é compreender como esses pedagogos(as) planejam e se consideram esse instrumento importante na sua atuação fora do contexto escolar. Como aporte teórico recorri a: Farias (2009); Freire (1997); Gandin (1994); Libâneo (2012) Vasconcellos (2008); entre outros que discutem a relevância do planejamento e o perfil do pedagogo(a). Na pesquisa de campo, foi possível ouvir sete pedagogos(as) que atuam em diversos contextos não escolares, para assim, compreender de que maneira seus planejamentos são realizados e a relevância que estes profissionais atribuem a estas ações. Com o estudo, foi possível conceber que o planejamento nasce de uma necessidade, de uma *falta* que nos impulsiona na busca de um agir. De tal modo, é uma ferramenta de mediação, contínua e dinâmica, decorrente da intencionalidade de intervir na realidade em que se encontra o autor e os seus sujeitos do planejamento. Com isso, esse instrumento faz parte da ação do pedagogo(a) na sua atuação, já que o ajuda a buscar alternativas para soluções, e tomadas de decisões, em busca de atender às necessidades do contexto e de seus sujeitos. Assim sendo, foi compreendido que a formação do pedagogo(a) é um processo de conhecimento e transformação em busca de encontrar elementos que se tornam centrais para a construção de sua identidade profissional. Por isso, sua formação inicial traz contribuições para a sua identidade profissional e orientações para a construção do planejamento em quaisquer contextos. Após a finalização dessa etapa de formação inicial, a formação continuada, se apresenta como fator relevante para uma atuação repleta de significados, possibilitando maior aprofundamento a exigências da profissão dos pedagogos(as), ou seja, uma formação que complementa questões que a formação inicial não conseguiu atender diretamente.

**Palavras-chaves:** Contextos Não Escolares; Formação de Pedagogos; Planejamento.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CACC - Casa de Apoio à Criança com Câncer Durval Paiva

CE - Centro de Educação

IFESP - Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy

PROGESP - Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas

SEMU - Secretaria de Estado da Mulher

SESC - Serviço social do Comércio

SEMTAS - Secretária Municipal de Trabalho e Assistência Social

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

USM - Universidade de São Marcos

## SUMÁRIO

<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	<b>9</b>
1.1 Procedimentos metodológicos: a construção da pesquisa .....	10
<b>2. A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NA ATUAÇÃO DO PEDAGOGO(A) EM CONTEXTOS NÃO ESCOLARES</b> .....	<b>12</b>
2.1 Concepção de planejamento .....	12
2.2 A importância do planejamento para o trabalho do pedagogo(a) .....	15
2.3 Questões necessárias para produzir o planejamento .....	18
2.4 A prática coletiva no planejamento .....	22
<b>3. A BUSCA POR COMPLEMENTAR A FORMAÇÃO NO CAMPO DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO(A)</b> .....	<b>26</b>
3.1 A formação inicial do pedagogo(a) .....	26
3.2 Formação continuada .....	30
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>37</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	Erro! Indicador não definido.



## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

[...] planejar perpassa o processo de hominização, visto que, o homem, na sua evolução, foi constituindo personagem principal na transformação do mundo por sua ação, sempre movido pelo desejo, pela curiosidade e pela necessidade de interagir com a realidade, através de atividades configuradas como o trabalho. (EVANGELISTA, 2011).

Todo fazer nasce de uma necessidade, de uma *falta* que nos impulsiona na busca de um agir. O ser humano possui a idealização, a capacidade de imaginar, idear, planejar, ideias para serem executadas. Ou seja, o planejamento faz parte da ação humana, surge a partir da necessidade de organizar algo, em busca de estruturar hipóteses para realizar a ação.

Este trabalho foi desenvolvido em razão da questão pessoal que encontrei no decorrer da formação do curso de licenciatura em Pedagogia. Durante a formação, aprendemos conhecimentos que nos levam questionarmos sobre nossa prática, como agiremos em determinadas situações. A exploração cada vez mais ampla de novos contextos de atuação do pedagogo(a), não se restringindo apenas ao contexto escolar, mostrou-me ainda mais a necessidade de investigar sobre esse objeto de estudo, com o qual tive contato durante a formação inicial. O planejamento é um instrumento de utilização para atender as necessidades do contexto e de seus sujeitos. Dessa forma, é de grande importância ser estudado e explorado, pois é uma ação pensada em que o ser humano busca alterar, modificar e interagir com e nos múltiplos ambientes.

Diante disso, o decorrer dos ensinamentos na formação inicial sobre planejamento, que eram voltados mais precisamente para o contexto escolar, fez nascer em mim o desejo de investigar um pouco mais sobre esse objeto, visando a compreender a sua importância educacional no trabalho do pedagogo(a) fora do contexto escolar. Portanto, busquei reunir dados/informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: *Como os pedagogos(as) que atuam em contexto não escolar planejam?* Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa bibliográfica e empírica é compreender como esses pedagogos(as) planejam e se consideram esse instrumento importante na sua atuação fora do contexto escolar. Por isso, acredito que este objeto de estudo é de grande relevância a ser investigado, já que hoje se reconhece a necessidade do profissional pedagogo(a) em todas as instâncias em que há ensino e aprendizagem e não somente na escola. A partir dessa questão problema são trazidas aqui discussões e esclarecimentos sobre o planejamento em contextos não escolares.

Por isso, dividi o trabalho em dois capítulos, que buscam responder o problema de pesquisa. O primeiro capítulo tem como título: *A importância do planejamento na atuação do pedagogo(a) em contextos não escolares*. Discute a importância do planejamento na atuação do pedagogo(a) fora do contexto escolar, elucidando a ferramenta planejamento como algo recorrente e de necessidade em suas atribuições, surgindo como mediação para seu trabalho, já que o ajuda buscar alternativas para soluções e tomadas de decisões que atenda às necessidades do contexto e dos seus sujeitos. O segundo capítulo tem como título: *A Busca por complementar a formação no campo de atuação do pedagogo (a)*. Aborda os conhecimentos aprendidos na formação inicial do pedagogo(a) como subsídios adquiridos durante esse processo para a elaboração do planejamento em diferentes contextos, e a importância de compreender que sua trajetória continua com a formação continuada, como meio necessário para desenvolver um planejamento que se adeque ao contexto onde está inserido.

### 1.1 Procedimentos metodológicos: a construção da pesquisa

Para realizar este estudo sobre o planejamento pedagógico em contextos não escolares, desenvolvi uma pesquisa bibliográfica junto com a pesquisa empírica. Na pesquisa de campo ouvi pedagogos(as) que atuam em diversos contextos não escolares, para assim, compreender de que maneira seus planejamentos são realizados. As entrevistas foram realizadas pessoalmente com os entrevistados(as) no período de 07 a 16 de março de 2017, em local escolhido pelos sujeitos e foi organizada de maneira semi-estruturada, com perguntas abertas conforme roteiro anexo. Como recurso, para melhor aproveitamento das entrevistas, foi feita a gravação, autorizada pelos entrevistados(as), conforme modelo de autorização em anexo assinada por todos. As entrevistas tiveram duração de 00:13 a 00:28 minutos.

Foram entrevistadas sete pessoas, sendo: cinco mulheres e dois homens, de idades variadas entre: trinta e quatro a cinquenta sete anos. Todos os entrevistados(as) têm formação em Pedagogia, e atuam fora do contexto escolar, constituindo elas: Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social(SEMTAS); Serviço social do Comércio(SESC); Secretaria de Estado da Mulher(SEMU); Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PROGESP/UFRN); Centro de Educação da UFRN (CE/UFRN); Casa de Apoio à Criança com Câncer Durval Paiva (CACC); e Museu Câmara Cascudo.

O pedagogo da SEMTAS tem 34 anos e formou-se em Pedagogia pela UFRN em 2016, mesmo ano em que começou a trabalhar nesta Secretaria. A pedagoga que trabalha no

SESC tem 57 anos, formada em Pedagogia/UFRN, atua em contexto não escolar desde 2002, hoje trabalha nesta instituição no papel de gerência no setor de educação. A pedagoga que trabalha na SEMU tem 44 anos, formada em Pedagogia pelo IFESP, atua em contexto não escolar desde 2014. O pedagogo do PROGESP tem 36 anos, formou-se em Pedagogia pela UFRN, atua em contexto não escolar desde 2012, atualmente trabalha como coordenador de capacitação em educação profissional, neste contexto. A pedagoga do Centro de Educação tem 49 anos, formada em Pedagogia pela Universidade de São Marcos, atua desde 1987 em espaço não escolar, e hoje trabalha no suporte da área administrativa/acessória pedagógica do local. A pedagoga do CAAC, tem 34 anos, formou-se em Pedagogia pela UFRN, em 2011, e atualmente trabalha na Classe Hospitalar desde de 2014. A pedagoga que atua no Museu Câmara Cascudo, tem 54 anos, formou-se em Pedagogia pela UFRN, e suas atuações sempre foram voltadas para o contexto não escolar. Diante das informações de cada um, deixo em evidência que dos sete entrevistados(as), cinco são formados pela UFRN.

Para não afetar os sujeitos entrevistados, após a transcrição de suas falas ao longo do texto será usada apenas a identificação do seu local de trabalho, visando melhor compreensão do leitor no estabelecimento de relação entre o conteúdo da fala e o contexto em que atua o(a) pedagogo(a).

## **2. A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NA ATUAÇÃO DO PEDAGOGO(A) EM CONTEXTOS NÃO ESCOLARES**

Este capítulo tem o propósito de discutir a importância do planejamento na atuação do pedagogo(a) em contextos não escolares. De antemão o enfoque que determinou a pesquisa, como já dito, surgiu a partir do interesse de saber como os pedagogos(as) que atuam em contexto não escolar, elaboram o planejamento, e se esse instrumento é importante na sua atuação. Diante disso, as falas dos entrevistados farão parte deste capítulo como forma de registrar o que eles consideram sobre o planejamento na sua atuação fora do contexto escolar, sendo colocadas em diálogo com autores estudados na pesquisa bibliográfica.

### **2.1 Concepção de planejamento**

O planejamento em qualquer espaço em que o pedagogo(a) se encontre é o momento de reflexão, de pensar e traçar caminhos para as metas que foram colocadas e atender às necessidades do contexto e de seus sujeitos. De tal modo, percebe-se a importância do planejamento como caminho para a ação, prevendo os desafios adequados a propor, não só na vida profissional, bem como, na história do ser humano que sempre pensa, imagina e planeja algo em sua vida. Portanto, em harmonia com Menegolla e Sant'anna (2010) “O planejar é uma realidade que acompanhou a trajetória histórica da humanidade. O homem sempre sonhou, pensou e imaginou algo em sua vida” (p.15). Ademais, sabendo o valor do planejamento na vida pessoal e profissional, deve-se ressaltar que ele não surgiu no campo educacional, e sim, no campo da produção. Segundo, Vasconcellos (2008):

[...] A atividade de planejar seja tão antiga quanto o homem, a sistematização do planejamento se dá fora do campo educacional, estando ligada ao mundo da produção (I e II Revoluções Industriais), e a emergência da ciência da administração, no final do século XIX (p. 27).

A intenção era de utilizar configurações de objetivos e estratégias tidas no planejamento para alcançar a eficiência, em que existia a distinção radical entre concepção e realização, um agente que fazia, e os demais que executavam. Já início do século XX, o planejamento vai avançando em diversos setores da sociedade, não apenas no empresarial, como expõe Vasconcellos (2008):

No início do século XX, o planejamento vai avançando para todos os setores da sociedade, provocando um enorme impacto a partir do seu uso na União Soviética não como simples organização interna a uma empresa, mas como planificação de toda uma economia. (VASCONCELLOS, 2008 p.27).

Certamente a educação não ficou imune a este movimento, e vai produzindo diferentes concepções do processo de planejamento, de acordo com cada contexto sócio-político-econômico-cultural. Ott (1984 Apud VASCONCELLOS, 2008) aponta três grandes concepções que vão se manifestar em diferentes momentos da história do planejamento na educação. a) *Planejamento como Principio Prático*- “[...] Tendência tradicional de educação, em que o planejamento era feito sem grande preocupação de formalização basicamente pelo professor, e tendo como horizonte a tarefa em ser desenvolvida em sala de aula” (VASCONCELLOS, 2008 p. 28). b) *Planejamento Instrumental/Normativo*- “[...] Relaciona-se à tendência tecnicista de educação, de caráter cartesiano e positivista, onde o planejamento aparece como a grande solução para os problemas de falta de produtividade da educação escolar” (VASCONCELLOS, 2008 p. 29). E c) *Planejamento Participativo*- “Esta perspectiva rompe com o planejamento funcional ou normativo das duas concepções anteriores, onde as práticas dos professores e da escola, são vistas como isoladas em relação ao contexto social”. (VASCONCELLOS, 2008 p. 31). Assim sendo, o planejamento perpassa a educação, no sentido, da necessidade da prática de organizar a ação do professor, em que Vasconcellos (2008), acrescenta:

Claro está, que tais práticas não se sucedem linearmente; pelo contrário, convivem na mesma realidade e, não raras vezes, no mesmo sujeito. O importante é a tomada de consciência dessas influências e a definição de uma nova intencionalidade para orientar a prática do planejar. (VASCONCELLOS, 2008 p.31).

Quando se entende o planejamento como uma necessidade do educador para atuar no contexto em que se encontra, se atribui a essa *ferramenta*, funções para melhorar a sua atuação. A palavra *ferramenta* está sendo usada neste trabalho com o significado de instrumento para a definição de objetivos, organização do trabalho e orientação, visando o acompanhamento para uma intervenção adequada de acordo com a noção trabalhada por Vasconcellos (2008). De tal modo, Freire (1997) afirma que: “o planejamento, portanto, é o instrumental básico para a intervenção do educador”. (p.56). Assim, o planejamento só irá intervir de forma positiva, se o sujeito se colocar na expectativa de mudança. Fazer da necessidade de mudar algo, interferindo na realidade é o objetivo de quem planeja. É quando

o pedagogo(a), com a observação, inicia o processo de conhecer e compreender o contexto para produzir um planejamento adequado a ele, buscando ações mais concretas para transformar a realidade existente em realidade desejada. O planejamento é, justamente a ferramenta que possibilita esta ação.

O planejar, no sentido autêntico, é para o professor um caminho de elaboração teórica, de produção de teoria, da **sua** teoria! É evidente que, num ritual alienado, quando muito, o que pode acontecer é tentar aplicar, ser simples ‘consumidor’ de ideias/teorias elaboradas por terceiros; mas quando feito a partir de uma necessidade pessoal, o planejamento torna-se uma *ferramenta* de trabalho intelectual. (VASCONCELLOS, 2008 p. 46).

Dessa forma, planejar é perceber as possibilidades de ser criador do seu trabalho e do processo ensino-aprendizagem. No entanto, o desafio do autor do planejamento é conhecer o que planeja, é estruturar os objetivos que nortearão a organização da sua ação. De tal modo, o planejamento é uma ação pensada pelo ser humano que busca alterar, modificar e interagir com e nos múltiplos ambientes. Não é algo simples, no caso da educação, pois, estamos lidando com pessoas, grupos que possuem concepções de mundo, compostas por uma mistura de valores, de experiências, contextos e situações, por isso requer cautela. Ressalva Vasconcellos (2008):

[...] temos a dupla fonte de complexidade: objeto e processo. Precisamos tomar consciência de que nosso trabalho é dos mais intrincados do ser humano: trata-se da formação da consciência, do caráter e da cidadania, ao mesmo tempo, de 20, 30, 40, pessoas; por isto exige também um planejamento à altura. (VASCONCELLOS, 2008, p. 49).

Assim, o planejamento representa o roteiro de toda a atividade a ser realizada, durante determinado período. Conforme Padilha (2003) trata-se de um “[...] processo contínuo e sistematizado de projetar e decidir ações em relação ao futuro, em função de objetivos políticos, sociais e administrativos claramente definidos” (p. 31). Assim sendo, o planejamento como ferramenta<sup>1</sup> para a mudança na organização da ação, tem a mesma importância e função em contextos não escolares, o que pode ser atestado pelas falas dos pedagogos(as) que atuam nesses contextos, entrevistados na pesquisa de campo. Fica perceptível a ferramenta planejamento como algo recorrente em suas atribuições, e como

---

<sup>1</sup> A palavra *ferramenta* está sendo usada neste trabalho com o significado de instrumento para a definição de objetivos, organização do trabalho e orientação, visando o acompanhamento para uma intervenção adequada de acordo com a noção trabalhada por Vasconcellos (2008).

meio fundamental para ajudá-los a chegar à intenção que necessitam, independentemente do contexto em que estejam atuando. Como relata uma das entrevistadas abaixo:

[...] o planejamento é a base para o bom desenvolvimento do seu trabalho, é a base. Sem o planejamento muitas vezes você é o conhecedor de toda a teoria, mas se você não tem o planejamento na maioria das vezes você se perde. Porque na hora você fica, muitas vezes não dá certo, porque quando a clientela chega para o atendimento, essa clientela é específica, ela é única singular, uma pessoa, um público é diferente do outro. Aqui a gente atende fora do contexto escolar, educação infantil, idosos, adolescentes, pré-adolescentes, adultos, turistas, todo o tipo de gente, então o planejamento é fundamental (Entrevistada MUSEU, 2017).

Deste modo, o planejamento é um processo de mediação, contínuo e dinâmico, decorrente da intencionalidade de intervir na realidade em que se encontra o autor e os sujeitos do planejamento. Ademais “[...] para chegar a isto, é preciso atribuir-lhe valor, acreditar nele, sentir que planejar faz sentido, que é preciso” (VASCONCELLOS, 2008, p.41). Sendo assim, é possível entender sua importância e sua necessidade para alcançar o que fazer pedagógico. Na medida que esse instrumento está para orientar e elaborar o desenvolvimento do trabalho do pedagogo(a).

Pelo que vem sendo discutido, entende-se que o planejamento é uma ferramenta de mediação dinâmica e contínua, usada para intervir no contexto da ação dos pedagogos(as). Dessa forma, é imprescindível que esteja presente na organização de sua prática para possibilitar esta ação. Esta importância será o foco da discussão no próximo item.

## 2.2 A importância do planejamento para o trabalho do pedagogo(a)

Diante da concepção de planejamento discutida no item anterior, percebe-se a importância desse instrumento para o trabalho do pedagogo(a). Isso exige que essa compreensão esteja presente em sua formação e conseqüentemente em seu trabalho. Tanto que as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia (DCN), definidas pela resolução n. I, de 15 de maio de 2006, do Conselho Nacional de Educação- CNE- trouxeram à tona o debate a respeito da identidade do curso e sua finalidade, dentre suas orientações, a que nos acrescenta ao tema que está sendo discutido, aparece no parágrafo 2º do Artigo 2º.: “o curso de Pedagogia, por meio de estudos teórico-práticos, investigação e reflexão crítica, propiciará: I - o planejamento, execução e avaliação de atividades educativas” (CNE/CP, 2006, p.2, grifo meu). E ainda o Art. 5º mostra que o egresso do curso de Pedagogia estará apto a: “participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e

avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares" (CNE/CP, 2006, p.2, grifos meus).

É preciso ponderar que a formação inicial, se oficializa em um curso de formação de pedagogos(as), mas terá continuidade no decorrer da ação docente, num rico processo de *prácticateoriaprática*, em que vai continuamente dando a esse processo a característica interminável da formação, uma vez que o pedagogo(a), estará sempre desenvolvendo suas teorias nas práticas em seu contexto de atuação. E isso remete ao foco deste trabalho: *Como os pedagogos(as) elaboram seus planejamentos em contextos não escolares*. Os conhecimentos que aprenderam durante a sua formação inicial, são subsídios para elaboração do planejamento no seu contexto de atuação, qualquer que ele seja.

Portanto, o planejamento é uma ferramenta de necessidade para a atuação do pedagogo(a). Por isso, durante sua formação deve ser aprendido de forma teórica e prática para ser utilizado no trabalho cotidiano nos espaços escolares ou não-escolares. Isso fica claro quando em uma das perguntas feitas aos entrevistados(as) sobre a importância do planejamento, obtive a seguinte resposta de um deles:

É fundamental para tudo na vida. Até para a vida pessoal a gente tem que se planejar, e para área de atuação é a base, se você não planeja a sua atuação, você provavelmente está pecando aí, com relação a tudo. Desde o início, eu acho que o planejamento é o início de tudo, é claro que ele é modificado na execução do seu trabalho, mas se você fizer sem planejamento você está jogado a nem mensurar seu trabalho, a você nem ter ideia do que você vai fazer, é o mínimo. Por conseguinte, vai o acompanhamento, as metas, que você tem que ter para você realmente desempenhar um bom trabalho. É claro que as vezes a gente não consegue não, assim como o professor também, em sala de aula, sabe que fazer tudo bem planejado é o mundo ideal, e sabemos que tem um dia que você chega, que você não sabe o que vai fazer, porque o planejamento foi por água a baixo, tem que replanear durante o barco andando, a gente tenta. (Entrevistado PROGESP/UFRN, 2017).

A parte decisiva para a compreensão da importância do planejamento para o trabalho do pedagogo(a), acontece quando esse docente<sup>2</sup> percebe a necessidade de mudança. Todo o trabalho por mais que esteja sendo bem feito em determinado ambiente precisa de melhoria, de aperfeiçoamento e para efetivar esta transformação é preciso planejar. De tal modo, segundo Vasconcellos (2008). “o ponto de partida é uma pergunta básica: há algo em nossa prática que precise ser modificado, transformado, aperfeiçoado? Se não há, não precisa de

---

<sup>2</sup> A docência está sendo compreendida aqui de maneira ampla, conforme se encontra nas DCN de Pedagogia (BRASIL,2006) em que o docente aparece com o profissional que atua como professor, mas também que participa na organização e gestão de sistemas e instituições educativas.



projetos” (p.36). É papel importante de atuação e de contribuição do pedagogo(a), em qualquer ambiente em que esteja inserido, perceber que a necessidade é o caminho para iniciar-se a elaboração de um planejamento que atenda ao grupo e suas exigências.

É interessante observar previamente que há uma dialética entre o possível e o necessário: o fato do sujeito saber o que lhe é necessário, o provoca a procurar as possibilidades de realizar; o fato do sujeito saber o que é possível, abre espaço para que necessidades sejam nele geradas (uma vez que a necessidade é sempre necessidade de algo). (VASCONCELLOS, 2008, p. 40).

O planejamento deste modo, seja ele em espaços escolares ou não escolares, é imprescindível a ação do sujeito, de sua pesquisa, intervenção, e análise, para chegar a uma intervenção que atenda à realidade do local. Carecendo de ser elaborado, para atender às precisões dessas pessoas, e o local em que elas se encontram.

Coloco aqui a importância do planejamento para o trabalho do pedagogo(a), não como uma ferramenta imutável e estática, um roteiro a ser adotado em qualquer ambiente de trabalho, amarrado *tintim por tintim*. Ao contrário, coloco como norteador do educador para uma expectativa de trabalho com menos erros, ou seja, um instrumento teórico-metodológico, como expõe Vasconcellos (2008):

Precisamos ter em conta que o planejamento é apenas um instrumento teórico-metodológico. Poderoso, mas **instrumento**. Portanto depende de sujeitos que o assumam (tanto na elaboração quanto na realização). Não é, pois, uma coisa *maravilhosa*: é relativamente complexo, exigente e ainda falível. No entanto, não é também um capricho; é uma necessidade! [...]. VASCONCELLOS, 2008; p. 64).

Quando o pedagogo(a) compreende a importância de usar o planejamento em seu trabalho, de forma coerente, e o percebe como instrumento de necessidade tanto para a elaboração, quanto para execução dos seus afazeres, incluindo a si próprio e aos sujeitos com quem trabalha no desenvolver da ação, avaliando o avançar e recuar durante esse processo, entendendo ser, esse o momento em que ele se dá conta dessa ferramenta como imprescindível para desenvolver seu trabalho. Logo, uma das entrevistadas confirma, essa ação do planejamento como sendo importante e necessária para sua atuação fora do contexto escolar:

Assim, não só porque eu acho que ele precise existir, como eu particularmente, perfil meu, sou muito organizada, então eu preciso ter um planejamento para me embasar. Por exemplo tem um projeto muitas vezes o trabalho era esse, você tem um projeto X de uma inauguração de alguma coisa, então você precisa preparar as pessoas para trabalharem nesse lugar, se fosse o caso de “lugar”, nesse serviço que ia ser inaugurando. Então a

gente precisava ter um planejamento que normalmente a gente brincava que era o “planejamento de trás para a frente” onde você vinha vindo até você chegar, onde pretendia, que no caso era elaborar um planejamento de capacitação em produzir material dos treinandos, e treina-los em tempo suficiente até a inauguração, porque senão você acabava interferindo no projeto principal da empresa e isso muitas vezes envolvia mídia, envolvia uma series de questões, então planejamento era absolutamente essencial. Inclusive, para você entrar em sala de aula. Muitas pessoas falam: não, me diz que o que é para falar que eu fico três horas falando, eu volto a dizer: eu acredito em planejamento, então não é sair falando, é saber o que você vai falar, como você vai conseguir que essa pessoa consiga, processar o que você está falando e que isso traga resultado para a empresa/ou escola. Porque não é só hora na cadeira, muita empresa, tem projeto de capacitação profissional que conta horas, então todo mundo tem que ter passado 8 horas de treinamento por ano, isso vira contagem de hora sentado, numa sala de aula por exemplo, isso não significa resultado, então esse era um grande risco, você tem que ter um planejamento. Em que depois tenha inclusive o planejamento após a inauguração onde você faça a avaliação se precisa de uma nova intervenção, se está dando certo, ou o que precisa melhorar. É como um trabalho de pré e pós venda, assim, a grosso modo falando. (Entrevistada CE/UFRN, 2017).

Logo, o planejamento é uma ferramenta importante para o trabalho do pedagogo(a), já que o ajuda buscar alternativas para soluções, e tomadas de decisões, em busca de atender as necessidades do contexto e de seus sujeitos. Assim, percebe-se a relevância durante a formação inicial de aprender a usar esse instrumento de forma teórica e prática, para elaboração de um planejamento que adeque ao contexto onde o pedagogo(a) está inserido. Por isso, questões necessárias são expostas para produzi-lo, surgindo como orientações básicas para esse processo. Este será o conteúdo explorado na sessão seguinte.

### 2.3 Questões necessárias para produzir o planejamento

Foi exposto na sessão anterior, a importância do planejamento no trabalho do pedagogo(a), como ferramenta de mediação decorrente da intencionalidade de interferir na realidade, em busca de soluções que atenda às necessidades do contexto e seus sujeitos. Por isso, entendo que o planejamento precisa partir de algumas questões no processo de sua elaboração. Optei por discutir nesta sessão *Questões necessárias para produzir o planejamento*, não afirmando que existe um roteiro a ser seguido à risca para sua elaboração, mas alegando que existem elementos constitutivos para o processo do *fazer* o planejamento, como guia de orientação. Por isso, compreendo ser importante para discussão do trabalho.

Na pesquisa de campo os entrevistados(as), ressaltaram a importância de seguir algumas questões básicas para produzir o planejamento diante das necessidades que surgem

no seu contexto de atuação, e que coincidem com as expostas por Freire (1997), como momentos do planejamento:

QUESTÕES CENTRAIS NO PROCESSO DO PLANEJAMENTO. “Meus educados já sabem o que? (Zona real). Ainda não conhece o que? (Instigar a zona propilam). Devo ensinar o que? Como ensinar? Quando ensinar? Onde ensinar? ”. MOMENTOS DO PLANEJAMENTO. “1) Avaliação. 2) Levantamento do processo das hipóteses do planejamento (especificando objetivos gerais e específicos das atividades, envolvendo: materiais tempo e espaço. 3) Acompanhamento do desenvolvimento da ação planejada; conferido sua adequação ou não, suas possíveis mudanças, etc. 4) Avaliação reflexiva do produto conquistado. 5) Replanejamento. (FREIRE, 1997, p. 56).

Com efeito, a autora traz essas questões que representam toda uma ação reflexiva para o processo de elaboração do planejamento, as quais fazem o pedagogo(a) questionar-se diante das suas necessidades e adequar suas decisões ao contexto em que trabalha. Assim sendo, Freire (1997), mostra o processo de elaboração do planejamento em que as perguntas: "para que? Por que? O que? Para quem? Com o que? Com que matérias? Por quanto tempo? Em que espaço?" Aparecem como questões centrais no processo de elaboração do planejamento. “O ato de planejar instrumentaliza o aprendizado do prever que desafios adequados propor. Neste sentido, qualquer planejamento tem como objetivos trabalhar a zona proximal, partindo da zona real dos sujeitos” (Freire,1997, p. 56). Na pesquisa de campo os pedagogos(as) entrevistados abordaram sobre quais questões consideram mais importantes para se elaborar um planejamento. Uma entrevistada respondeu:

Eu ainda acho, eu volto para aquela mesma questão, que a gente deve para elaborar um bom planejamento, a gente tem que saber, para quem a gente vai elaborar, o que a gente vai elaborar, você tem que ter essas duas questões bem definidas: o que e para quem. Quando a gente tem essas questões bem amarradas, bem definidas aí nosso planejamento flui. Porque se a gente está estudando a gente conhece as nossas teorias, sabe em qual desses autores, podemos nos embasar, então a gente sabendo, e entendendo o que quer, o que exatamente eu quero passar, colocando no papel: eu quero trabalhar o que? E para quem? O planejamento flui maravilhosamente bem. Depois que eu fizer esse levantamento, ficou fácil desenvolver o meu objetivo, a minha justificativa, os objetivos gerais e os específicos, a minha metodologia. Por isso, se você tem o que e para quem, e tem o referencial teórico, vou lembrar dos meus autores: eu quis isso porque segundo, Piaget, Segundo Freinet... então eu acredito assim. Por conseguinte, vou fazer todo o cronograma, como aqui trabalho com projeto, vai ter o cronograma das oficinas, datas, o planejamento semanal e diário. Assim, o que começou lá no “para que” e “para quem”, serão respondidas. Em suma, o planejamento vai está completo com essas nomenclaturas respondidas “o que” e “para quem”. (Entrevistada MUSEU, 2017).

Quando se tem esse levantamento, essa observação, essas questões previamente respondidas, além de conhecer o ambiente, e o público com quem vai trabalhar, o pedagogo(a) irá nesse procedimento, com ajuda de teorias, buscar qual o melhor, para atender à necessidade apresentada no seu contexto de atuação. De acordo com Vasconcellos (2008), a teoria serve de guia para a prática: “Se no processo de planejamento estamos visando um certo tipo de ação, precisamos então buscar a teoria que a fundamente e, sobretudo, que possa servir de guia para a prática” (Vasconcelos, 2008, p.45). Considerando a seguinte indagação: “Quais questões consideram mais importantes para se elaborar um planejamento? ” À entrevistada respondeu:

Eu levo em consideração os meus conhecimentos realmente profissionais a minha experiência, isso está me dando subsídio para que eu desenvolva com autonomia aquilo que eu quero idealizar e realizar de fato. Como no meu caso, trabalho com crianças que estão com distorção de idade/série, eu desenvolvo as minhas pesquisas e elaboro os meus planos, meus planejamentos de acordo com o que eles estão necessitando. Na maioria das vezes, eu faço o levantamento de: é o que? O que falta? Qual a dificuldade? Leitura e escrita, por exemplo, eles não desenvolvem com autonomia e ainda não se apropriam disso, de acordo com o ano escolar que eles estão matriculados. Então eu sigo por esse caminho. (Entrevistada SEMU, 2017).

As questões centrais e os momentos dos planejamentos mencionados por Freire (1997) apontam para ações criadoras no processo de elaboração do planejamento, atendendo assim, à necessidade presente no contexto da atuação do pedagogo(a). Com essas questões levantadas e respondidas, atendendo os sujeitos do planejamento, vão surgindo os instrumentos metodológicos que auxiliam nesta ação pedagógica. A mesma autora Freire (1997) aponta: “[...] são 5: observação, registro, reflexão, avaliação e planejamento”. São esses instrumentos, com ajuda das questões, que irão nortear o pedagogo(a) para a elaboração final do planejamento. De acordo com Freire (1997):

[...] o **planejamento** é alimentado pela **observação** que é o reflexo de um sensível olhar, pelo **registro**, muito além da anotação, do diário de classe, pela **reflexão**, que implica em confrontar a prática vivida com a teoria do outro e a do próprio professor, que norteia depois a **avaliação**, que encaminha a um novo **planejamento** (p.67).

A forma de iniciar a elaboração do planejamento alimentado por esses elementos expostos por Freire (1997), impulsiona a refletir como os pedagogos(as) realizam a etapa para produzir o planejamento, atendendo às necessidades dos sujeitos. Respondeu uma entrevistada:

Faço um levantamento, observo o público, anoto no meu caso, coisas relacionadas a metas físicas, números, meta qualitativa, recursos financeiros, prazo para executar, acompanhar, avaliar, e repenso, quais mudanças durante essa reflexão devem ser e precisam ser feitas, para dar continuidade a construção do planejamento. (Entrevistada SESC, 2017).

Na fala da entrevistada aparecem os mesmos elementos definidos pelos autores estudados, como orientação para chegar à elaboração do planejamento, como a entrevista relatou. A *observação*, é o olhar do educador ao contexto em que ele se encontra. Freire (1994) corrobora que “a observação das relações de grupo que aparecem, é uma primeira visualização daquele grupo específico a sua frente” (p. 64). *O registro* com anotações de características gerais, relevantes dos sujeitos, percebidas na observação. Para Vasconcellos (2008): “no início pode haver dificuldade para o registro; não tem problema: o importante é insistir no processo de reflexão crítica” (p.138). A *Reflexão*, como momento de pensar sobre o que está sendo realizado, corroborando com o que diz Freire (1994) “[...] reflexão, implica em confrontar a prática vivida com a teoria do outro[...]” (p.67). Além destes mencionados pela entrevistada, Vasconcellos (2008) assinala também a *Avaliação*, que é análise de como o planejamento está sendo desenvolvido. Ela deve ter o sentido de transformação, e não mera verificação, segundo ele “a avaliação que buscamos tem caráter de acompanhamento do processo, que faz parte da Realização Interativa” (p.142).

Diante do questionamento feito aos entrevistados(as), sobre quais conhecimentos considera mais importantes para produzir o planejamento, a entrevistada respondeu:

Olha, o primeiro te diria qual é o resultado que a pessoa espera, alguém está te pedindo para planejar uma coisa, então, se você não souber aonde você vai, você não vai conseguir construir nada, então é onde você tem que chegar, fazer um levantamento, conhecer as pessoas que vão usar esse planejamento, porque muitas vezes é aquilo que eu te falei, você vai precisar fazer adaptações, e conhecendo as pessoas, ficará mais fácil o caminho. É uma pessoa com perfil X ou Y então você acaba meio que tentando fazer um planejamento mais adequado a isso ou/a essa pessoa, por exemplo, para que também possa ser aplicado, porque se não, não dá certo, então é conhecer a pessoa que vai trabalhar com isso, seja no caso de usuários, quais são os usuários, desse planejamento, é uma reflexão e avaliação contínua[...]. (Entrevistada CE/UFRN, 2017).

De tal modo, o pedagogo(a) como conhecedor e autor da produção do planejamento, capaz de compreender as questões como norteadoras para a sua produção, irá desse modo proporcionar a construção do planejamento de forma a atender aos sujeitos. Segundo Vasconcellos (2008), [...] “o importante é que o professor – pessoal e coletivamente - busque

o seu caminho” (p. 137). Neste sentido, entendo as questões como subsídios para as atribuições do(a) pedagogo(a) no contexto escolar e não-escolar.

Outro componente que os entrevistados também evidenciaram na pesquisa de campo como aliado para essa construção, foi o caráter participativo do planejamento, no que refere à elaboração feita de modo coletivo, evidenciando como parte de aprendizado de todos os envolvidos nesse processo, para uma construção com o saber, com o querer e com o fazer de todos. Esta discussão será feita no subtítulo seguinte.

#### 2.4 A prática coletiva no planejamento

Um dos fatores que os entrevistados destacaram na pesquisa de campo foi a condição do planejamento com ação coletiva e participativa. Além disso, ressaltaram que pode ocorrer, em algumas ocasiões, o início da elaboração do planejamento sozinhos, mas a troca de ideias para construir o planejamento de forma participativa, ocorre ao longo do trabalho e apontam ser de muita importância. Percebe-se a construção do planejamento dessa maneira de modo ação-reflexão. De maneira, que todos os envolvidos estejam presentes neste processo, e não apenas um, que detém este poder. Segundo Gandin (1994):

[...] Estamos num mundo [...] em que é preciso construir a cada momento uma visão de mundo; mais ainda, forma-se a convicção de que não são só os poderosos ou os técnicos que têm capacidade de descobrir caminhos; todos temos esta sabedoria e este direito não pode ser subtraído das pessoas (p. 55).

A tarefa participativa mencionada pelos entrevistados(as) como um dos fatores para a construção do planejamento em seu contexto de atuação, aparece de forma relevante inserida na prática de trabalho do pedagogo(a). De tal modo, acredito pertinente ser discutido, pois entendo que a troca de informações entre pessoas que trabalham no mesmo ambiente seja de aprendizagem e crescimento de todos. Assim, as respostas dos entrevistados(as) sobre a produção do planejamento de forma individual ou coletiva no contexto em que trabalham, reforçam essa ideia:

É coletivo. A gente faz um planejamento estratégico. É um planejamento disciplinar, tem outros pedagogos também na minha equipe, tem psicólogos, tem administradores, tem técnicos educacionais da área de matemática de letras, tem pessoas de nível médio. Assim, a gente faz coletivamente, tudo inserido também no planejamento que a universidade já tem, que é o PDI, (plano de desenvolvimento institucional), e o plano de gestão que a universidade tem também, nosso planejamento ele é voltado à luz desses

norteadores institucionais. Buscamos sempre o diálogo, sempre o coletivo. (Entrevistado PROGESP/UFRN, 2017).

Sim, é coletivo. Nós trocamos. No meu caso, eu era professora da tarde, sou, apesar de esta só um ano afastada, mas, vou voltar. Mas, a gente fazia questão de sentar junto aos outros professores da manhã e a gente tinha essa troca, porque era os mesmos alunos, as mesmas crianças. Fazíamos de tudo, para ocorrer essa interação coletiva, pois, acreditamos neste aprendizado. (Entrevistada CAAC, 2017).

Com a resposta dos entrevistados(as), que mostra a equipe como sujeitos em elaboração coletiva do planejamento, fica em evidência o que expõe Vasconcellos (2008):

O saber deixa de ser considerado como propriedade de ‘especialistas’, passando-se a valorizar a construção, a participação, o diálogo, o poder coletivo local, a formação de consciência crítica a partir da reflexão sobre a prática da mudança. (VASCONCELLOS, 2008, p. 31).

Isto mostra a importância de reunir as ideias para chegar ao ponto da necessidade, aproximando-se à realidade. Dessa forma, a participação revela-se como elemento importante para construção do planejamento. Mesmo que em alguns ambientes esta prática não ocorra com frequência, os pedagogos e pedagogas, deixaram claro que é algo que deve ser trabalhado para melhor resultado, como essa entrevistada afirma:

Deve ser coletivamente, e nunca deve ser sozinho, deve ter outras pessoas, professores, pedagogos. Em meu contexto, ainda não funciona assim, mas acredito que vai melhorar, na possibilidade de haver debates sobre isso. (Entrevistada MUSEU, 2017).

De tal modo, concordo com Gandin, (1994), quando menciona “[...] o importante é definir que, para construir um processo participativo com distribuição de poder, não é suficiente pedir sugestões[...] é necessário que o plano se construa com o saber, com o querer e com o fazer de todos” (p. 136). Essa interação que ocorre entre os autores do planejamento, mostra que o poder não existe apenas nas mãos de alguns, mas, que todos os envolvidos na elaboração do planejamento estão no processo de ação-reflexão voltado para ele. Nesta perspectiva, percebo a participação como uma característica decisiva para a construção do planejamento. Os entrevistados(as) confirmam que apostam nesta prática em seu contexto de trabalho, o que inclui todos os envolvidos do início ao fim na elaboração do planejamento. Vasconcellos (2008) afirma: “A instituição que não valoriza este espaço é porque, via de

regra, não optou ainda efetivamente por um planejamento participativo”. (p. 163). Assim, relata uma entrevistada sobre o planejamento coletivo ou não em seu contexto de trabalho:

É coletivo em termos de ideias, muitas vezes eu escrevo sozinha, mas com a colaboração de pessoas que são os coordenadores do projeto, que são especialistas no projeto. E isso não é diferente do treinamento, é a mesma coisa, não sai tudo da sua cabeça, por exemplo: você é especialista no assunto X você senta e nesse sentindo o pedagogo ele vai colocar da melhor maneira como esse projeto pode ser aplicado em sala de aula, como o conteúdo que essa pessoa tem, vai chegar no treinando da melhor maneira possível para surtir efeito, que é a mesma coisa aqui, na minha função hoje. Vamos fazer um projeto X, quem é que entende disso? Então se é de estagio vou conversar com a professora de estagio, e vamos construir juntas, eu vou ajustando o projeto baseado na experiência que a pessoa tem, então eu te diria que o pedagogo em praticamente em todos os ambientes que eu conheço, ele faz um trabalho coletivo, sala de aula de escola embora não devesse ser é talvez o mais individualizado, na minha opinião. Mas mesmo assim, eu ainda reforço não deveria ser. Porque tem o suporte da coordenadora tem os pais e nem sempre as trocas acontecem. Nos ambientes em que eu trabalhei o pedagogo não trabalha sozinho, o coletivo sempre esteve presente. (Entrevistada CE/UFRN, 2017).

Sobre o planejamento participativo, Gandin (1994) destaca que:

Quando houver desejo real de planejamento participativo, um aspecto metodológico constitui-se em um ponto fundamental: recolher o que as pessoas sentem, desejam e pensam da maneira como elas o pensam, desejam e sentem, utilizando as próprias palavras que as pessoas escrevem ou pronunciam. (GANDIN, 1994, p. 136).

Com isso, mesmo que o pedagogo(a) esteja em contexto que perpassa por outras linhas superiores, até chegar ao seu setor, a interação tem que ocorrer para melhor aproveitamento de todos, como diz essa entrevistada, sobre o planejamento coletivo na sua localidade de trabalho:

Acontece de forma regional, pois, existem vários programas, no contexto em que atuo. No caso, eu estou no setor de educação. Recebo da escola, (professores, coordenadores) com base no planejamento maior, vamos construindo, não pode ser construído o planejamento separado, mesmo que distante. Com a minha equipe sempre proponho que precisa existir o planejamento coletivo, mesmo que tenha programas do macro para o micro. (Entrevistada SESC, 2017).

Diante dessa tarefa coletiva que os entrevistados evidenciaram como componente importante a mais para elaboração do planejamento no contexto em que estão inseridos, fica



claro, uma postura em que todos possam estar envolvidos em busca de melhoria para a construção do planejamento, que contemplem os sujeitos e o seu contexto. Assim, diante do que foi exposto com as falas dos entrevistados(a) e com ajuda de autores, percebo ainda mais, a relação da construção do planejamento no sentido do “eu” para “nós”, apresentado em busca da construção na importante tarefa de reunir ideias, durante este processo de construção do planejamento.

Mediante o exposto neste primeiro capítulo, foi possível conceber que o planejamento nasce de uma necessidade, de uma *falta* que nos impulsiona na busca de um agir. De tal modo, é uma ferramenta de mediação, contínua e dinâmica, decorrente da intencionalidade de intervir na realidade em que se encontra o autor e os seus sujeitos do planejamento. Por isso, é possível entender sua importância e sua necessidade para alcançar o quefazer pedagógico, na medida que esse instrumento está para orientar e elaborar o desenvolvimento do trabalho do pedagogo(a).

Nessa direção, com o foco no planejamento pedagógico fora do contexto escolar, o segundo capítulo discute a busca do(a) pedagogo(a) por complementar sua formação no campo de atuação, já que os entrevistados(as) relataram na pesquisa de campo que esta busca se torna um meio necessário para desenvolver um planejamento adequado ao contexto em que estão inseridos.

### 3. A BUSCA POR COMPLEMENTAR A FORMAÇÃO NO CAMPO DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO(A)

Este capítulo dará ênfase à busca complementar à formação que os pedagogos(as) relataram na pesquisa de campo como meio para desenvolver um planejamento que se adequa ao contexto em que estão inseridos. Com isso, ele estará dividido em dois subtítulos que pondero de relevância para compreender essa busca no campo de atuação. O primeiro subtítulo refere à formação inicial do pedagogo(a), que considero como o primeiro contato formal, sistematizado e voluntário de uma pessoa com a profissão docente; o segundo subtítulo refere a formação continuada, que compreendo que são aprendizagens profissionais após a formação inicial, a partir do pressuposto de que esse é um processo de muitas faces, complexo e diverso que só tem início, mas não pode ter um fim definido. Nesta perspectiva acrescento uma discussão sobre o ser pesquisador e busca pela ajuda de autores, elementos que os pedagogos(as) relataram buscar para vencer os desafios da prática.

#### 3.1 A formação inicial do pedagogo(a)

Segundo, Lima Nunes, (2004, apud Farias 2009):

A formação compõe-se de distintos momentos, identificados na literatura como inicial e continuada. A formação inicial é a primeira etapa desse processo, porém nem mais nem menos importante do que a formação continuada. (p. 67).

A formação inicial é o contato com “uma base teórica”, disciplinas fundamentais que serão estudadas, e que, por conseguinte possibilitará ao pedagogo(a) reconhecer-se como um profissional do ensino. O que está em evidência neste capítulo e mais precisamente nesta sessão, é o entendimento de que o pedagogo(a) durante a sua formação inicial não terá todo conhecimento necessário para construir um planejamento para cada contexto onde poderá atuar, mas sim, terá recebido fundamentos que contribuirão para desenvolver planejamentos que se adequem ao seu contexto de atuação, conforme relatado pelos pedagogos(as) na pesquisa.

As Diretrizes Curriculares Nacionais de Pedagogia <sup>3</sup>: (DCN, 2006), que instituem parâmetros para a formação de pedagogos e pedagogas, define este curso em seu Art. 4º:

---

<sup>3</sup> Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia (DCN), definidas pela resolução n. I, de 15 de maio de 2006, do Conselho Nacional de Educação- CNE.

O curso em licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (CNE/CP, 2006 p. 2, grifos meus).

Por isso, considero ser apropriado, durante a formação inicial, mostrar aos futuros pedagogos(as) os variados contextos de atuação, possibilitando o esclarecimento sobre a atuação em diferentes contextos. Outrossim, Libâneo (2012) revela que:

A inserção de docentes nestes diferentes contextos se dá de forma muito diferenciada e nisso está a riqueza dessa formação. Assim o curso de formação de professores e professoras será mais bem-sucedido se, partindo desta ideia, incorporar diálogos permanentes com os outros contextos, sabendo-os existentes e fornecendo conhecimentos, significações, valores crenças[...] (LIBÂNEO, 2012, p. 490).

Assim sendo, o pedagogo(a) saberá que com os conhecimentos e as relações aprendidos no seu curso, ele terá uma base e ‘noções’ para sua atuação, o que possibilita construir o planejamento em qualquer contexto. Entendo que isso representa um desafio constante para esse futuro profissional que busca na formação inicial aprendizagens para desenvolver seus planejamentos em contextos não escolares, por ser esta formação atualmente mais direcionada aos ensinamentos do planejamento em contexto escolar. Mesmo assim, entendo que o futuro pedagogo(a) está preparado para produzir planejamentos em outros contextos, pois, durante esse processo de formação aprenderá conhecimentos necessários para essa construção. Esta questão foi mencionada por um entrevistado, quando respondeu a seguinte pergunta: “Durante o curso teve oportunidade de aprender ou pensar sobre o planejamento fora do contexto escolar”?

Não. Nada específico sobre isso. Mas, os fundamentos aprendidos foram importantes para eu planejar hoje, é que nada assim, não teve isso de planejar para esse contexto... não teve. Agora planejamento, plano de aula essas coisas, a gente aprende, a primeira coisa que se faz. Mas, vem com os conhecimentos as formas de pensar esse planejamento para cada contexto, tem como você construir através desses conhecimentos aprendidos, com o decorrer da prática. Mas, na formação, só trabalhei mesmo o planejamento de aula, fora da sala de aula a gente não teve nada. (Entrevistado PROGESP/UFRN, 2017).

Durante o trabalho de campo, os pedagogos(as), enfatizaram bastante sobre a importância da formação inicial para desenvolver um planejamento que atenda às

necessidades do contexto, pois é através dessa discussão, que se começa a aprender que, com uma atitude pesquisadora, podem ser feitas adequações ao contexto de atuação do pedagogo(a). Conforme se pode perceber na fala desta entrevistada:

Na verdade a nossa formação, durante todo o curso ela nos dá subsídios para que possamos atuar fora desse contexto. Enquanto nosso fazer pedagógico, podemos atuar não só em sala de aula, como em instituições hospitalar, instituições de empresa privada, como fabricas, hospitais, Ongs. Então assim, é um leque de opções, que nos encaminham para isso, resta saber se nós enquanto estamos nesse período de formação, nos identificamos. No meu caso, onde atuo neste momento, é uma experiência nova que está sendo para mim, por sinal muito rica, eu acredito que é muito mais gratificante em termos desse trabalho do eu enquanto profissional, mas do eu enquanto ser humano, pois é um trabalho humanizador. E a pedagogia tem essa humanização, independentemente do local de atuação. (Entrevistada SEMU, 2017).

A formação inicial não embarcará todos os contextos de atuação, como já vem sendo mencionado, até porque não daria tempo, mas ela encaminha, mostra possibilidades. Pois, como estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN,2006), em seu Art. 6º, parágrafo I, letra c): “observação, análise, planejamento, implementação e avaliação de processos educativos e de experiências educacionais, em ambientes escolares e não-escolares”. (p.3).

É ao longo da formação inicial que os futuros pedagogos(as) podem descobrir e se interessar pela possibilidade de atuar em diferentes contextos educativos. Percebe-se que durante esse processo da vida acadêmica, o futuro(a) pedagogo(a) começa a se identificar e a se reconhecer como profissional em docência, numa perspectiva ampla. São momentos em que ele se depara com os conhecimentos acadêmicos, que mostram o que sua formação proporciona a fazer, construindo a sua identidade para atuação nas diversas possibilidades existentes na área. Isso remete à pesquisa de campo, quando o pedagogo respondeu ao seguinte questionamento: “Em qual momento durante o curso você percebeu que poderia exercer sua função fora do contexto escolar”?

Eu acredito que até antes de entrar eu acho que percebi isso. Apesar de ingressar e ter um foco muito de sala de aula, como o curso em si, identifica mais isso, querer a sala de aula. Eu iniciei, fiz o curso completo, e no decorrer intensificou a ideia que eu podia ter uma atuação forte fora da sala de aula, seja na coordenação da escola, ou em outro campo. Durante o curso eu fui percebendo isso. (Entrevistado PROGESP/UFRN, 2017).

Desse modo, oferecer componentes curriculares e situações de aprendizagem que favoreçam a formação do pedagogo(a) para que ele possa conhecer o que sua área

proporciona é importante. É com essas situações junto aos conhecimentos adquiridos no decorrer de seus estudos, que acontece o processo de reconhecimento com o que ele identifica-se mais na sua área, para aprofundar-se no véis escolhido quando terminar essa formação inicial. Com esses pressupostos mencionados, de oferecer componentes curriculares, e situações que favoreçam a formação do pedagogo(a), percebo o reconhecimento do docente, como sujeito de práxis, fazendo-o capaz de pensar sistematicamente e continuamente sobre seu trabalho. Segundo, Nóvoa, (1992 Apud FARIAS 2009) “forjar, durante a formação, situações em consonância com esses pressupostos, oportunizará ao professor desenvolver novas referências que iluminem seu pensamento e conseqüentemente, seu agir” (p. 68).

Em vista disso, fica em evidência que a formação do pedagogo(a) é um processo de conhecimento e transformação em busca de encontrar elementos que se tornam centrais para a construção de sua identidade profissional. Ou seja, o pedagogo(a) irá percebendo ao desenvolver das atividades acadêmicas, quais são suas afinidades, quais conhecimentos podem contribuir para suas atividades fora do contexto escolar. Uma entrevistada responde da seguinte forma ao mesmo questionamento exposto acima, sobre o momento que percebeu que poderia exercer sua função fora do contexto escolar:

Então, eu te diria que foi no último ano, nos dois últimos períodos, que foram disciplinas mais diferentes que a gente acabava vendo outros campos de atuação, e também foi quando eu tive o contato com pessoas de outras áreas de atuação, então, eu já terminei a formação, com esse olhar. (Entrevistada CE/UFRN, 2017).

Esta formação inicial é apoiada por elementos da vida pessoal, que unidos contribuirão para processo de socialização, pelo qual aprende-se a tornar-se professor. Entendo esses dois elementos como contribuição durante o processo de construção da identidade do pedagogo(a): a vida pessoal, por reconhecer a influência de elementos da natureza biográfica no modo como nos constituímos profissionalmente; e a formação inicial em relação com os saberes e experiências da docência. Segundo Farias (2009) “apoiada nesse pressuposto, ressalta a história de vida, a formação e a prática docente como elementos constituintes do processo identitário profissional do professor” (p.56).

Na fala dos entrevistados(as), colocadas neste capítulo, vai ficando claro que eles tiveram a compreensão da contribuição da formação inicial para a sua identidade profissional. Quando acontece esse entendimento sobre a formação, como meio de conhecimento de suas possibilidades para contribuição no seu trabalho, creio que o pedagogo(a) está no caminho

certo para usar seus conhecimentos e criar o planejamento fora do contexto escolar, atendendo as necessidades dos sujeitos.

Portanto, é necessário que o pedagogo(a) reconheça a importância da formação inicial, mas que encare esta apenas como a primeira etapa para uma vida profissional recheada de significações. Nessa perspectiva, a formação continuada aparece e configura-se como processo de desenvolvimento profissional em interação com a realidade, possibilitando aos pedagogos(as) reconhecerem suas dificuldades e buscar aperfeiçoamento profissional e pessoal. Este assunto será abordado no item seguinte.

### 3.2 Formação continuada

A formação é um conjunto de etapas para a construção da identidade do pedagogo(a). Por isso, é fundamental que o educador, durante sua formação inicial, compreenda que após sua finalização, um período que inclui, geralmente, quatro anos, ele continuará em constante processo educativo em interação com os acontecimentos do cotidiano, seja no ambiente escolar da sala de aula ou mesmo na sala dos professores, ou espaços não escolares, que ocorrem trocas constantes de experiências educativas e práticas pedagógicas.

Esta sessão se propõe a mostrar como os pedagogos(as), com ajuda da formação continuada, trabalham com o planejamento em contextos não escolares. De tal modo, adequando sua formação às exigências do contexto em atuação, reestruturando e aprofundando conhecimentos adquiridos durante este período. Em relação a isso, foi mencionado pelos pedagogos(as) durante a entrevista de campo, a importância da formação continuada em sua trajetória contínua do processo de sua formação, possibilitando maior aprofundamento aos conhecimentos profissionais no seu contexto de atuação, podemos ver na fala do entrevistado respondendo à pergunta: “Se o curso não direcionou como planejar em contextos não escolares, de que maneira o faz”?

As disciplinas deram subsídios, apesar de não tratar diretamente sobre o assunto, mas a gente vai aprendendo com a formação continuada, você tem que ir atrás, do conhecimento. Realmente a educação inicial, teve falhas nesse aspecto, apesar que não vai dar conta de tudo, você não vai sair de lá... eu sou formado e detector de tudo, a formação continuada ela é fundamental para isso, você viu uma lacuna de alguma competência que você precisa ter para exercer sua atribuição, sua função, seu cargo, você vai ter que ir atrás através de capacitação, de cursos, de uma especialização. Você vai se aprofundando, no caso do planejamento fora do contexto escolar, tive que fazer muitas leituras, participar de cursos de capacitação aqui no interno, por exemplo, você vai aprendendo. (Entrevistado PROGESP/UFRN, 2017).

Com efeito, nesta fala fica em evidência que o processo de formação deve ser organizado para que a formação continuada ou permanente seja uma continuação da formação inicial. Ou seja, uma formação que complemente as questões que a formação inicial não conseguiu atender diretamente. Assim, a formação continuada apresenta-se como fator relevante para uma atuação repleta de significações, possibilitando ao pedagogo(a) maior aprofundamento às exigências do exercício de sua profissão. Segundo Farias (2009):

[...] reconhecer o professor como o sujeito de práxis. Isso implica, antes de qualquer coisa, entendê-lo como ser em permanente constituição, produzido pelas condições sociais concretas do lugar e do tempo em que atua e vive. Pensá-lo como um ser inacabado e em constante aprendizado. (FARIAS, 2009, p. 68).

Diante das falas dos entrevistados(as), foi ficando compreendido ser a prática a teoria em movimento, e a teoria, o resultado da reflexão sobre a prática, pois é a prática que desperta no educador o *ser pesquisador*, elemento mencionado no início do capítulo, no sentido de aperfeiçoar a prática do pedagogo(a). Isso remete ao que Libâneo (2012) compreende sobre a prática: “[...] é na prática que a teoria é atualizada ou mesmo modificada, quando não dá conta de explicar o que acontece na prática”. (p.491). Quando o pedagogo(a) se vê diante deste desafio colocado por Libâneo (2012), é o momento em que ele deve atuar como um ser que pesquisa, que vai em busca de conhecimentos complementares, para desenvolver seu trabalho.

Quando o pedagogo(a) finaliza sua formação inicial, poderá ir para o campo de atuação com o qual se identificou, durante esse processo. Neste ele, encontrará desafios que terão que ser enfrentados para o sucesso de seu trabalho, e é esse o caminho que ele, como pesquisador, irá buscar. A pesquisa torna o sujeito-pedagogo(a) capaz de refletir sobre sua prática profissional, e buscar formas (conhecimentos, habilidades, atitudes) que o ajudem a aperfeiçoar cada vez mais seu trabalho, aguçando o seu fator investigativo. Segundo Sacristán, e Gómez (1998, p. 370):

Neste sentido, a reflexão na ação é o processo de investigação por meio do qual, o desenvolvimento do conhecimento profissional e o aperfeiçoamento da prática profissional acontece simultaneamente. (SACRISTÁN E GÓMEZ, 1998 p. 370).

Nesta perceptiva, considero o que Corazza (2011) descreve sobre o professor pesquisador “[...] todo professor é um pesquisador; possui um espírito pesquisador; entra em devires-pesquisadores, enquanto educa. Caso não fosse assim, como ensinaria? O quê e como ensinaria? ” (p. 2). Entendo ser esse o caminho do pedagogo(a) em exercer bem sua função

fora do contexto escolar, mesmo que durante sua formação inicial, tenham ficado lacunas, ele como conhecedor de teorias, é capaz de ir em busca, pesquisar, a começar outra vez; e, ainda, outra vez; outra vez, até conseguir atender às necessidades de seus sujeitos no seu contexto de trabalho. De tal modo, pode-se identificar que esse processo de investigação, que se dá através da prática levará o pedagogo(a) a ir em busca de conhecimentos que o ajudarão a desenvolver seu trabalho. Isto pode ser confirmado por meio das respostas da entrevistada: “De que maneira elabora o planejamento se o curso não direcionou os ensinamentos para os contextos não escolares”?

Através da pesquisa, do inquietamento. É a questão da pesquisa, do estudo, a busca de sanar minhas dificuldades, para desenvolver o que preciso. Não paro, apenas por não ter visto diretamente este ponto na formação. (Entrevistada SEMU, 2017).

Assim sendo, com a fala da entrevistada reforça ainda mais a questão do pedagogo(a) ser pesquisador. Para isso, segundo Libâneo (2012), “Nesse processo, a professora se vale de todos os recursos teóricos de que dispõe, aguça seus sentidos e sensibilidade, na tentativa de melhor compreender o que lhe está sendo incompreensível” [...] (p. 502). Por isso, a partir da fala dos entrevistados(as), percebo esse elemento como parte em busca de conhecimento na continuação da formação do pedagogo(a) que atua em contexto não escolar, ou seja, meio de desenvolver suas habilidades e sua capacidade de criar um planejamento ampliando seus aprendizados na formação inicial. Com isso, noto que esse pedagogo(a) que pesquisa, diferencia-se, em seu processo de autocriação, pois traz consigo um ponto de vista criador e de mudança, que não finaliza com na formação inicial, mas que continua em uma busca constante.

[..] à docência-pesquisa-que-cria torna-se um exercício, cada vez mais consciente, de formas possíveis de modificar a mesmice da formação e da ação docentes, diante da repetição quase secular da prática pedagógica; transformando-se em trampolim para um outro nível de educação; e colocando em funcionamento uma outra máquina de pensar e criar, de estudar e escrever, de ensinar e aprender, de ser pedagogo e pedagoga. (CORAZZA, 2011, p. 5, Grifos meus).

Outro fator importante é a *Ajuda de Autores* estudados durante a formação inicial, como elemento de apoio durante esse processo de elaboração do planejamento. Isto foi mencionado pelos entrevistados(as) como estratégia para vencer os desafios da prática, durante essa elaboração. O que se pode ver na fala de umas das entrevistadas que respondeu à



questão: “Se o curso não direcionou como planejar em contextos não escolares, de que maneira o faz”?

Consigo. Buscando Paulo Freire, você pega Freinet, Piaget você vai conseguindo. Juntado leitura, pesquisa esses autores, que mais se identifica com a realidade do seu contexto, você consegue, sim. (Entrevistada MUSEU, 2017).

Os estudos realizados na formação inicial são retomados para subsidiar as ações dos pedagogos(as), pois na prática ganham sentido estratégico para vencer os desafios no seu contexto de atuação. Na fala de duas entrevistadas percebo que esse momento de necessidade do pedagogo(a), que provoca a atitude de pesquisar e de ir em busca de autores que o ajudem no processo de elaboração do planejamento em contexto não escolar, representa para ele uma possibilidade de compreender a identidade profissional em qualquer contexto:

[...] Acredito que a Pedagogia é uma só, em diferentes contextos, então vou em busca de autores que eu conheci na formação inicial. Emília Ferrero para saber as hipóteses que estão as crianças; Paulo Freire para pensar uma pedagogia mais humanizada, eu faço uso deles no contexto hospitalar, claro que, eu tenho as especificidades daquele meu espaço, eu preciso refletir também, sobre o espaço que exerço, mas sempre com esse olhar, de pedagoga, o que eu tenho que pode ajudar esses sujeitos, neste espaço em questão que atuo. (Entrevistada CAAC, 2017).

Planejamento para educar, é a mesma coisa. São com ajuda de autores e pesquisa que vejo de acordo, que se adequam para com o meu contexto. Você vai planejar para passar o conhecimento, então deverá ter bases e tem através desses conhecimentos de autores que conhecemos durante a formação. (Entrevistada MUSEU, 2017).

Mediante o exposto no segundo capítulo, foi possível compreender que os pedagogos(as) utilizam seus conhecimentos sobre pesquisa para vencer os desafios da prática no seu contexto de atuação. Por isso, a formação inicial do pedagogo(a) é um processo de conhecimentos e transformações que se tornam centrais para a construção de sua identidade profissional, pois, com os conhecimentos adquiridos durante a sua formação inicial, o pedagogo(a) continuará em constante processo educativo, a fim de sanar os desafios que aparecem em seu contexto de atuação. Com isso, a formação continuada apresenta-se como fator relevante para uma atuação repleta de significados, possibilitando maior aprofundamento nas exigências da profissão dos pedagogos(as). Ou seja, trata-se de uma formação que complementa questões que a formação inicial não conseguiu atender diretamente. Com efeito, nestas buscas complementares que os pedagogos(as) relataram utilizar para vencer os desafios

da prática nos contextos não escolares, fica em evidência o ser pesquisador que existe neste profissional como forma de aprimorar conhecimentos para desenvolver a construção do planejamento que se adeque ao seu contexto de atuação.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O planejamento se exerce sobre a “Realidade institucional existente”. É esta realidade que a prática pode construir (ou transformar). É sobre ela que a nossa ação tem poder direto, isto é, sobre ela é que podemos agir, sobretudo se considerarmos que nós, os que dela participamos, também integramos essa realidade. Essa realidade é, por exemplo o nosso contexto: lugar fruto da nossa construção. (GANDIN, 1994, Grifos meus).

O que se pode concluir a partir do desenvolvimento deste trabalho, é que o planejamento é inerente à ação humana, e se torna um importante instrumento para a definição de objetivos, organização, e orientação no trabalho do pedagogo(a), visando o acompanhamento para uma intervenção adequada em qualquer contexto. Deste modo, o planejamento é um processo de mediação, contínuo e dinâmico, decorrente da intencionalidade de intervir na realidade em que se encontra o autor e os seus sujeitos.

Por isso, acredito que não existe o pedagogo(a) que se forme para atuar em contextos escolares e outros que se formem para atuar em contextos não escolares, mas sim, acredito em pedagogos(as) formados para atuarem em quaisquer contextos educativos, na medida em que reconhecem a necessidade e a importância do planejamento, possuindo conhecimentos para elaborá-lo. Chego a esta conclusão a partir da pesquisa empírica, que evidenciou que o pedagogo(a) atuando em diferentes instituições educacionais, seja em empresas, secretarias, hospitais, museus, entre outros, percebe a importância do planejamento como objeto principal para desenvolver seus afazeres. Já que a formação inicial do pedagogo(a) é um processo de conhecimento e transformação em busca de encontrar elementos que se tornam centrais para a construção de sua identidade profissional. Por isso, essa formação inicial traz contribuições para a sua identidade profissional e orientações para a construção do planejamento em quaisquer contextos.

Após a finalização dessa etapa de formação inicial, o pedagogo(a) compreende que sua formação não acaba neste momento, mais que sua *teoriaprática* o leva a buscar novos conhecimentos para vencer os desafios que sua profissão exige. Com isso, a formação continuada se apresenta como fator relevante para uma atuação repleta de significados, possibilitando maior aprofundamento a exigências da profissão do pedagogo(a), ou seja, uma formação que complementa questões que a formação inicial não conseguiu atender diretamente.

Portanto, considero que o problema de pesquisa: *Como os pedagogos(as) que atuam em contexto não escolar planejam?* Foi respondido no decorrer do escrito. Os pedagogos(as) planejam com os conhecimentos aprendidos durante a formação inicial, aprimorados pela pesquisa na formação continuada, deste modo, desenvolvem a construção do planejamento adequando ao contexto de atuação. Em suma, o que apenas muda é o contexto de atuação, mas o conhecimento e a ação do pedagogo(a) continuam os mesmos, pois, esse educador está preparado para desenvolver suas habilidades em diferentes contextos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; LIBÂNEO, José Carlos. **Temas de Pedagogia: diálogos entre didática e currículo.** São Paulo, 2012. Cortez Editora.

BRASIL, Conselho pleno. **Resolução CNE/CP N° 1**, de 15 de Maio de 2006. Diário Oficial da união, Brasília, 15 de maio de 2006, seção 1, p. 11.

CORRAZA, Mara Sandra. **A formação do professor-pesquisador e a criação pedagógica.** Palestra. 6º Encontro De Pesquisa Em Arte. RS,2011.

EVANGELISTA, Isabel Alcina Soares. **Planejamento Educacional: Concepções e Fundamentos.** Perspectiva Amazônica - Santarém - PA. Ano I. Vol. 2 p. 54-67 ago. 2011.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco; BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho Braga; FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. **Didática e Docência: Aprendendo a profissão.** Liber Livro. Editora LTDA, Brasília; 2009.

FREIRE, Madalena; DAVINI, Juliana; CAMARGO, Fátima; MARTINS, Celeste Mirian. **Avaliação e planejamento: A prática educativa em questão.** Série Seminários. Primeira edição. Junho 1997.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MENEGOLLA, Maximiliano. **Por que planejar? Como planejar?** Currículo, área, aula/ Maximiliano Menegolla, Ilza Martins Sant'Anna. – 19. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A.I. Pérez. **Comprender e transformar o ensino.** 4. ed.- ArtMed, Porto Alegre; 1998.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico.** São Paulo: Libertad Editora, 2008.

## **APÊNDICES**

## AUTORIZAÇÃO

O(A) Sr./Sra. \_\_\_\_\_ autoriza o uso da gravação de seu depoimento sobre O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO FORA DO CONTEXTO ESCOLAR para fins acadêmicos na pesquisa realizada pela graduanda em Pedagogia Jussara Vieira Soares, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DO NORTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS E CURRÍCULO



## CARTA DE APRESENTAÇÃO

Prezado(a) Pedagogo(a),

Apresento-lhe a estudante Jussara Vieira Soares, da Licenciatura em Pedagogia Presencial na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e solicito sua colaboração no sentido de autorizá-la a realizar atividades de pesquisa nessa instituição, produzindo dados para o Trabalho de Conclusão de Curso.

O estudo em questão tem como objetivo ouvir pedagogos(as) sobre sua trajetória em contextos não escolares, para compreender de que maneira seus planejamentos são realizados. A principal atividade da estudante que se apresenta será, portanto, conversar com pedagogos(as) sobre o planejamento pedagógico fora do contexto escolar.

Agradeço antecipadamente a colaboração.

Natal, 06 de março de 2017

Marisa Narcizo Sampaio  
Prof. Adjunto do Centro de Educação  
Mat. 1674905  
Orientadora do TCC



## **ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PEDAGOGO (A)**

### **DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

- Nome:
- Idade:
- Formação profissional:
- Local de Formação:
- Espaço de atuação:

### **ENTREVISTA:**

1. Desde quando atua como pedagogo/a fora do contexto escolar?
2. Foi um desejo que nasceu durante o curso ou surgiu depois, como querer ou necessidade?
3. Em qual momento durante o curso você percebeu que poderia exercer sua função fora do contexto escolar?
4. Que conhecimentos foram trabalhados ao longo do curso e que contribuíram para sua atuação e quais conhecimentos fizeram falta?
5. Considera o planejamento uma ferramenta importante para sua área de atuação?
6. Durante o curso teve oportunidade de aprender ou pensar sobre o planejamento fora do contexto escolar?
7. Se o curso não direcionou como planejar em contextos não escolares, de que maneira o faz?

8. O planejamento é elaborado coletivamente? Ou é função exclusiva do pedagogo (a) nesse contexto?
9. Quais são os conhecimentos pedagógicos aos quais recorre para planejar? Há diferença do planejamento dentro do contexto escolar e fora dele? Quais?
10. Quais os conhecimentos você considera mais importantes para elaborar um bom planejamento?